

Abrigo primordial e envoltura psíquica: duplicidade do *setting* em psicopatologia fundamental*

Esther Aparecida Cervini

O que move a escrita deste texto é a expectativa de encontrar, no território da Psicopatologia Fundamental, o brotamento de um sujeito. Nas metáforas, fragmentos de objetos encontraram seus lugares na arquitetura desta casa. Toda casa contém em si o mito da cabana primitiva como origem da arquitetura. Mas contém, também, a arquitetura capaz de abrigar os lugares psíquicos da palavra casa. O sujeito floresce, nesta obra arquitetural, no intervalo entre os desenhos, a pedra e de palavras. Este trabalho apresenta o pensamento de uma arquitetura singular, o setting: um lugar aberto à escuta do sujeito que fala do seu pathos através do espaço.

Palavras-chave: Abrigo, *setting*, arquitetura, psicanálise, ambiente

* Este trabalho, desenvolvido no programa de doutoramento em Psicologia Clínica da PUC-SP, apresenta estudo sobre o *setting* inserido na pesquisa em Psicopatologia Fundamental, de modo a consolidar um campo de interlocução sobre a clínica do *pathos*, entre a arquitetura e a psicanálise ao estabelecer relações metafóricas do abrigo da casa e a constituição dos lugares psíquicos no sujeito.

A floresta abriu caminho e na relva o lugar mostrou-se acolhedor: um “plainado” a meia altura da encosta. Depois, a terraplanagem esculpiu o solo. As fundações guardaram as memórias de Pedro e de sua mãe. As paredes nasceram desenhando labirintos inextricáveis, os muros encerraram um castelo, pilares erigiram torres, vigas abriram vãos, suportaram o peso de uma cultura descansada sobre as lajes dos tempos, resguardando no vazio entre os pisos alguma vida protegida, as aberturas esquadriharam e filtraram a luz vinda de fora, que, recolhida ao quarto, antecipou a noite despertando os sonhos.

Voltemos ao momento anterior, quando o *traçado* propiciou começarem a surgir as figuras.

*

* *

A viagem de carro para reconhecimento do sítio deslocou-os do tempo real para o tempo do homem. Para a veneziana Itália longínqua de Marco Pólo, ele diz “lá estão minhas origens”. A palavra origem reverberou no contexto familiar de um ancestral senhor de castelo patrocinador de aventuras. Tinha sangue real. O arquiteto compreendeu que deveria referir-se à origem da existência do homem. A narrativa e o percurso de carro percorrem 800 anos. Chegam ao local. O homem pretendia edificar ali uma casa, num lugar protegido do cotidiano, respeitando a tradição vagante e desterrada dos viajantes. As fundações tinham sido concretadas, de um projeto anterior para uma casa de três pavimentos e centenas de metros quadrados. Várias suítes receberiam os hóspedes cortesões imaginados. Assim, neste lugar havia a marca da inscrição da imagem de um castelo. Mas a realidade se interpunha agora: como construir um castelo em 100 m² sobre um solo riscado? O homem continua, “Esculpir é subtrair”, citando Miguelangelo. O Arquiteto vê que o solo fora escavado na obra de terraplanagem. O plainado na encosta deu lugar a cinco níveis de terreno, sendo o segundo e o terceiro níveis transformados em platôs. O que havia sido subtraído? A terra. O homem contou ao arquiteto sobre o adoecimento da mãe quando o pai os abandonou antes mesmo de conhecê-lo ao nascer. O homem dissera que nunca quis conhecer o pai. *Subtraído*. Talvez subtrair adquirisse o sentido de algo que sempre lhe fora privado. Reconheceram que na arquitetura da casa havia uma busca: encontraram um local onde havia o nada. O arquiteto começou a traçar: a navegação a partir do desenho de um muro de arrimo de pedra com dimensões escultóricas, localizado entre os dois platôs intermediários. Agora havia algo

que poderia sustentar a terra. Pelo lado. *Land Art*. Na escala arquitetônica também era fragmento de castelo. E isto bastava porque o homem disse sentir-se abrigado. A partir de então o arquiteto pensa no projeto da casa podendo ter qualquer forma, aberta a modificações, os compartimentos poderiam ser destruídos, reformados, acrescidos ao longo do tempo. O homem fotografa a casa em construção revelando ao arquiteto outra situação mais precária de abrigo: posicionado no alto do morro, vê-se a mãe do homem brincando com o cão e as sombras, por entre o labirinto geométrico das meias-paredes. “Ela sofreu muitas internações por depressão”, ele diz ao arquiteto. Ele nunca precisou de teto, pois abrigava-se de idéias. Mas era tudo o que ela necessitava. Uma vez falou ao arquiteto que as altas paredes de tijolos vermelhos aparentes lembravam-lhe alguma viagem imemorial a Londres. Finalmente o telhado pousa deixando frestas de luz atravessarem os tetos inclinados de madeira. Só então o homem pede ao arquiteto que se construa a escada para o platô superior. Em seguida, submergido do porão, solicita uma torre que abrigará um pequeno cômodo de serviço voltado para a vista da rua mais ao alto. O arquiteto desenha a verticalidade da fachada da casa do homem. A mãe e o homem mudam-se para a casa ainda inacabada. Talvez porque estivesse incompleta. “Hoje eu encontrei uma casa de João-de-Barro naquela árvore do fundo do terreno”, ela disse ao arquiteto certa manhã. Tijolos são de barro, pensou. E concluiu que também ela haveria se abrigado.

*

* *

61

Existe uma certa tensão entre dois modos de se fazer arquitetura

A primeira tradição geralmente considera a Arquitetura anterior à presença do homem e também sua eternidade, portanto é uma linguagem em que o homem se insere. Neste caso, nem haveria necessidade de considerarmos o cliente, mas sim o trabalho de arquitetura que consiste em deslocá-lo, retirar-lhe os preconceitos na forma de dispor e arranjar o espaço. O espaço a ser edificado é um conceito projetado de espaço. Esta forma de trabalho insere-se na cultura da tratadística de arquitetura, de Vitruvius a Palladio. Arquitetura destinada a um homem na linguagem. Estaríamos diante da noção de concepção de mundo, *Weltanschauung*, conforme o arquiteto e crítico Giulio Carlo Argan a relaciona como *teoria*. Neste sentido, o projeto revela e representa um sistema ou estrutura aceita *a priori*, como estrutura imutável de verdade, pelo menos dentro da tradição da arquitetura ocidental européia nascida no Renascimento com a idéia de perspectiva. Sob determinada perspectiva se mede a verdade. Os tratados se

alteram historicamente determinados pelas visões de mundo da cultura e da ciência. Desta tradição nasce na arquitetura contemporânea uma visão de arquitetura como linguagem. Há uma preocupação com a cosmovisão, com a totalidade. A referência de totalidade como simbolização dá origem ao traçado regulador e à idéia de arquitetura. De certo modo, seria uma arquitetura impregnada de aspectos narcísicos de um ideal de eu. É interessante a observação de Winnicott quando diz que a primeira *Weltanschauung* de um sujeito é subjetiva. Este momento consolidaria a estruturação daquilo que Freud nomeou de aparelho psíquico.

No entanto, para um sujeito abrigar-se na idéia de arquitetura, e também no sentido de poder sentir-se abrigado e fazer uso da idéia de um outro na qualidade de um abrigo mais abstrato, há um percurso a ser conquistado em termos de um amadurecimento psíquico. Na abordagem freudiana seria a passagem do ideal de eu ao eu ideal, que se percorre ao longo da navegação analítica, mas implicando transformação fundamental nas constituições espaciais dos sujeitos. Consiste na capacidade de *sentir-se em casa em qualquer lugar*.

Argan apresenta outra tradição mais recente para pensarmos a espacialidade arquitetônica, surgida no Barroco e consolidada no século XX, deixando de lado o culto aos traçados reguladores, aberta mais à experimentação e à vivência. É um espaço que nasce do percurso, do caminho, do *método*. É um espaço muito mais fenomenológico, buscando localizar centralidades significativas em formas mais fragmentadas e desmaterializadas por criação de atmosferas e de ambientes. Revela-se como *Lebensanschauung*, visão ou concepção de vida. Há uma valorização da passagem, do processo e da experiência.

E nesta tradição penso inserir a proposta de conexão da Arquitetura com a Psicanálise no campo da Psicopatologia Fundamental em termos da construção de *metáforas*, ou seja, buscando intercâmbios interdisciplinares em que a noção de limite é posta em questão. O *pathos*, palavra potencial a ligar *psique* e *logos*, dialoga neste trabalho com a psicanálise e os processos de construção do espaço e da forma arquitetônica, também constituída de rigoroso jogo de regras, como a ciência e a filosofia, e que faz distinguir a arquitetura das demais artes plásticas (Cannabrava, s/d, p. 141) podendo ser transportada para o espaço *no* discurso.

Com referência à Psicopatologia Fundamental, no artigo “A teoria e seu objeto” (2002), Flora Singer a define como uma forma de institucionalização da produção e da transmissão do saber com relação ao sofrimento humano, com elementos metodológicos localizados no paradoxo e no negativo:

Inserir-se em uma ordem de filiação que é a do paradigma psicanalítico já mencionado, próprio ao pensamento francês contemporâneo em ciências humanas, filosofia e psicanálise, que lhe confere um lugar central à alteridade. Essa ordem filiatória é, também, a do pensamento de Pierre Fédida.

No dispositivo psicanalítico, um espaço vazio deve acolher a subjetividade do outro. (p. 125)

Em termos psicanalíticos, valoriza-se o trabalho de elaboração e da experiência em edificar na construção em análise. Desta maneira, as psicopatologias podem ser entendidas como arquiteturas psíquicas singulares do *pathos*. Penso no projeto como construção, trabalho e campo de possibilidade de elaboração psíquica daqueles implicados: arquitetos, clientes, construtores e os sujeitos que desfrutam dos espaços, de forma próxima ao trabalho analítico ao implicarem analista e analisando *na* transferência.

Em seu artigo “La cabane à ciel ouvert” (2000), Georges Sebbag traz alguns apontamentos sobre o sentido da cabana primitiva. Destaca uma passagem de Descartes, ainda soldado, na qual descreve a revelação súbita da unidade dos corpos na ciência e da unidade da filosofia. Estaria ele abrigado num quarto de *village* acalentado por uma lareira em condições propícias para meditar e sonhar. Sonha com os feitos dos grandes mestres e encontra um ordenamento mais belo, uma nova arquitetura além das muralhas da ciência. Desta cabana, o jovem Descartes sairia grande filósofo.

Sebbag recupera também em sua própria memória de infância o sentido de um abrigo provisório com forte carga simbólica. Fala de sua experiência em passar alguns dias no *sukkot*, ou souca, sua pequena cabana ou tenda sem teto, colocada do lado de fora das casas para a celebração da festa dos tabernáculos da tradição judaica. Simbolizam as cabanas erguidas no deserto por ocasião da peregrinação dos hebreus entre Israel e o Egito. Sebbag, no entanto, descreve uma estranha transfiguração do espaço que se dá no *sukkot*: a de um enclausuramento ao ar livre. O *sukkot* envolve-se sobre si mesmo, ao mesmo tempo se abre ao céu, dando a impressão de que o tempo habita o espaço.

Provavelmente, também Freud em criança deva ter vivenciado esta arquitetura de uma cabana aberta ao céu, na sua casa ou na casa de tios mais festivos. Faz-se necessário um ambiente de contenção, envoltura e sustentação, para que o sujeito localize sua psique no corpo e venha instalar-se no mundo através de sua capacidade de elaboração imaginativa. Em termos freudianos, há a construção de uma estrutura imaginária fundamental que organiza e agrega uma desordem inaugural perceptiva e pulsional. A posição do analisando no *setting* analítico, seja no acolhimento do face a face, deitado no divã contemplando o céu do consultório, ou buscando outras formas de acomodação do seu corpo no ambiente terapêutico, evoca toda sorte de experiências em espaços arquitetônicos de nossas cabanas primitivas infantis e também lembranças esquecidas, fantasias e angústias dos nossos abrigos e desabrigos primordiais no humano que suscitam no analista e analisando posições e espaços revelados na linguagem. Quero dizer que pelo fato de o corpo do analisando estar em determinada posição no espaço

físico não implica uma coincidência dessa posição no espaço do discurso. Enquanto na arquitetura é possível perceber e experienciar o investimento afetivo e erótico dos espaços criados como extensões corporais do sujeito oferecidas ao mundo, na psicanálise a escuta acompanha os movimentos do analisando: ele se locomove, estaciona, sobe, desce, entra, sai, salta, gira, retrai-se, age, erotiza o espaço e subjetiva a arquitetura de seu discurso. Da sustentação deste *setting* em análise, brota o sujeito na ultrapassagem da sexualidade infantil, repleta de objetos imaginários, para a sexualidade genital transformada no abrigo nos desejos.

Para o sujeito abrigar-se de idéias,¹ ter *insights*, necessita a experiência de estar envolvido por um ambiente ao mesmo tempo material e humano. As duas tradições de espaço, anteriormente apresentadas, não são excludentes. Com isso quero dizer que a arquitetura opera em dois registros seqüenciais.

O registro ambiental é o que permite ao ser humano tornar-se um existente quando vivencia lugares, atmosferas, rotinas de construção, modos de uso do corpo e dos espaços, luminosidades, temperaturas e nutrições significantes, ao que desejo chamar de registro materno.

No outro registro o sujeito se constitui no processo de estruturação daquilo que Freud nomeou de aparelho psíquico, ao simbolizar uma referência de totalidade, ao que desejo chamar de registro paterno, dando origem ao traço regulador e a idéia de arquitetura como reconhecimento do espaço psíquico gerado pela localização das zonas erógenas e do reconhecimento da diferença entre os sexos. Uma lareira irradia calor que envolve os corpos como um envelope térmico, mas ocupa uma posição totêmica num quarto pelo caráter fálico de seu desenho. Uma cabana sem teto envolve por paredes um vazio, construído, repleto de potencialidades criativas.

Estes dois registros estabelecem-se na interação entre bebê-mãe e no uso pela criança do pai na apresentação da linguagem. Mais adiante me deterei sobre estes registros ao apresentar algumas considerações sobre a casa de Pedro. Deixo estes termos de modo provisório para desenvolver a idéia de uma necessidade psíquica que leva à origem das construções de abrigos artificiais.

São várias as especulações acerca do abrigo mais primitivo do homem como abrigo artificial e sua origem remete à da própria arquitetura. Para o homem primitivo inventar o abrigo artificial ele teve que se conscientizar da própria

1. Winnicott, D.W. *Explorações psicanalíticas*. Ter idéias, *insights*, difere da capacidade de pensar. No artigo "O pensar e a formação de símbolos" (1968), Winnicott relaciona a idéia de que o pensar começa como uma maneira pessoal que o bebê tem de lidar com o fracasso graduado de adaptação da mãe. Mas se os fracassos se repetem, ou a mãe mostrou ser relativamente insatisfatória, a dependência da mente assume o lugar de confiança na mãe suficientemente boa.

insuficiência do meio natural (Silva, 1994 p. 106). São várias as teorias sobre a invenção da arquitetura. Na tratadística clássica da arquitetura, temos, em Vitruvio, o mito da cabana primitiva advindo da imitação e observação de como as andorinhas faziam seus espaços de proteção, tirando daí a idéia de tetos e paredes. Para David Jacobs, conforme derretiam as geleiras, o homem primitivo desceu às planícies e, não encontrando cavernas, começa a dedicar-se também ao cultivo nas margens dos rios. Para proteger-se e à sua família, começa a experimentar estruturas em madeira ou junco arqueadas ou dispostas em cone recobertas de folhagens ou de peles de animais. Também propõe uma cova hemisférica na terra sobre a qual arma uma estrutura de galhos recoberta de pele.

Este tema da cabana primitiva chega a ser bastante explorado no século XVIII, no sentido de encontrar um racionalismo que justificasse uma simplicidade morfológica e conceitual da arquitetura.

Importante arquiteto do século XIX, Eugene-Emanuelle Viollet-le-Duc, trata do tema da origem da arquitetura em seu estudo sobre a história da habitação humana. Para ele a invenção do abrigo se dá no momento de uma tempestade, catástrofe ambiental, em que grupos da espécie humana começam a procurar proteção. O mais engenhoso, a que se dá o nome de Epergos, escolhe duas árvores jovens que as verga e as amarra com junco, depois recobre essa estrutura com mais galhos recolhidos pelo grupo e fecha os intervalos com barro.

A caverna não entraria no conjunto da criação de abrigos primordiais, uma vez que é um aproveitamento de uma cavidade natural. Esses abrigos cavernosos teriam servido de inspiração para os abrigos artificiais escavados e as estruturas curvadas com galhos de árvores. Mas, tais hipóteses, ao longo da história e da antropologia, são questionadas pela pequena quantidade de restos mortais deixados pelo homem primitivo descobertos em cavidades naturais. Muitos outros locais teriam sido escolhidos às grutas, o que prova a existência de habitações ao ar livre. Cabanas e abrigos no alto das árvores parecem ser as formas mais elementares de habitação do homem. Assim, pode-se concluir que os abrigos primordiais foram sempre *experiências*, e destas experiências derivou o conhecimento da arquitetura (Silva, 1994, p. 111). De qualquer modo, as histórias da origem da arquitetura, na impossibilidade de uma verdade antropológica, freqüentemente aparecem na forma de mito. Espero falar do mito da cabana primitiva como a duplicidade metáforica de um *setting* na psicopatologia fundamental: abrigo primordial e envoltura psíquica.

*

* *

Em termos históricos, há o arquiteto que desenha e projeta estruturas espaciais, desde sua origem, pertencendo ao âmbito da cultura. Há também o arquiteto que desenha uma arquitetura fraca (Cervini, 1996).

Em arquitetura não há trabalho interpretativo, como na psicanálise, mas há uma hermenêutica, algo se desvelando do sujeito velando-se em espaço. Entendo que desta forma é possível pensarmos a metáfora de obra de arquitetura como *setting*. Pierre Fédida aponta que o termo em inglês considera a um só tempo “colocação”, “enquadre”, “meio”, “encenação” e “colocação em situação”. Haveria ao mesmo tempo “enquadre” (paterno, interdito, traçado regulador e desenho) e “situação” (materna, ambiental, procedimento de projeto e manejo de obra). Penso numa arquitetura forte (espacial) e numa arquitetura fraca (ambiental) sendo trabalhadas ao mesmo tempo. O engendramento da relação entre espaço e ambiente converter-se-ia na singularidade do lugar do sujeito.

Para pensar na duplicidade do *setting* em psicopatologia ambiental, é necessária a introdução de um nível interteórico, o *pathos*, que opera como *chora*, lugar vazio, receptáculo, espaço potencial.

O vazio não é a ausência. Assim como a partir do lugar vazio do dispositivo analítico há produção de um novo saber (de si), da mesma forma, no espaço vazio da psicopatologia fundamental, o mesmo e o outro podem relacionar-se, e algo novo como o saber pode emergir. Por meio de um ato de nomeação – psicopatologia fundamental – um lugar de teorias e textos é assim criado. (Singer, 2002, p. 125-6)

66

O abrigo primordial seria um lugar concreto a amparar o homem na sua tarefa humana de constituir-se em sujeito ao engendrar-se simbolicamente. A arquitetura pode ser tanto o ambiente quanto o objeto simbólico. Estão implicados nesta tarefa arquitetos e clientes, portanto haveria neste objeto um lugar vazio para ser compartilhado, *mas o que se compartilha não é o sentido e sim o lugar*. É mais compreensível pensar a arquitetura como objeto simbólico, no sentido em que nele está evocado todo o nosso repertório formal, seja ele tipológico ou estrutural. Mas como ambiente, a arquitetura pode ser um objeto-subjetivo, tal como Winnicott apresenta, exigindo desta forma maior complexidade para lidar com projetos abertos que possam crescer, articular-se ou transformar-se, sem cair num excesso de planejamento do espaço futuro. O manejo concreto de luminosidade, de texturas, de materiais, de conforto térmico, de técnicas construtivas, da velocidade da obra, do ritmo de visitas de acompanhamento, da observação sobre a escolha de equipe de trabalho por ele ou pelo cliente, ou seja, coisas difíceis de traduzir em geometrias formais.

Se a intersubjetividade está presente na extensão das relações humanas, decorrendo daí os afetos das neuroses de transferência, a psicopatologia contribui para pensar que até as decisões aparentemente revestidas dos parâmetros mais objetivos não isenta os sujeitos implicados numa obra de transportarem para o território do *pathos* de arquitetura o encontro de seus abrigos primitivos criando

um campo a que gostaria de denominar de *transferência ambiental*. Repetição, catástrofe, imprevisibilidade e novidade seriam novos elementos subjetivos de construção do espaço. Pierre Fédida, em *Clínica psicanalítica – estudos* (1988), refere-se à atenção equiiflutuante necessária à formação do *lugar de ressonância*. Chama-me a atenção a utilização do prefixo *equi*, o outro e mesmo a compartilhar este lugar de ressonância, *chóra*.

Tanto existe uma intersubjetividade a se manifestar no espaço quanto pode se perceber através do espaço da linguagem os lugares subjetivos passíveis de se projetar no ambiente físico. Quero evidenciar que neste estágio não se pode dizer ainda de uma realidade interna ou de realidade externa, nem para o registro materno nem o paterno. Não há ainda um sujeito constituindo-se. Quando um sujeito procura um arquiteto, talvez esteja procurando reconstruir algo de sua existência revelando situações muito precárias de instalações no mundo. E esta demanda mobiliza no arquiteto, em contrapartida, desenhos de espaços evocados nas associações ao discurso do cliente. Na psicanálise, aconteceria o oposto: seria o analista capaz de suscitar no paciente novos desenhos de espaços? E aí se operaria uma transformação da língua morta no traçado para os movimentos vivos de ocupações de novos espaços?

*
* *

67

Retorno à arquitetura da casa de Pedro

O estudo da Psicopatologia Fundamental me abre um campo para experimentar a posição de arquiteta enfraquecida em passagem para a posição de analista. Entendo esta passagem pertencente a um espaço transicional em que se pode falar do *pathos* de um sujeito pela psicanálise. Também porque se considerarmos a arquitetura e a psicanálise fazendo parte da experiência cultural e esta se localiza potencialmente entre realidades objetivas e realidades subjetivamente percebidas.

Esta obra me levou a pensar na idéia de que todo humano edifica para si um *abrigo primordial*. Entendo como abrigo primordial uma conjunção singular de tempo, espaço e matéria como a edificação de uma interface: ao mesmo tempo há a existência de um ambiente e também o processo de constituição do aparelho psíquico.

Irei analisar um elemento arquitetônico significante: o muro ciclópico de pedra e concreto. Há uma teia de significações que perpassa projeto, construção e obra. Estas reflexões foram realizadas depois de alguns anos desta experiência.

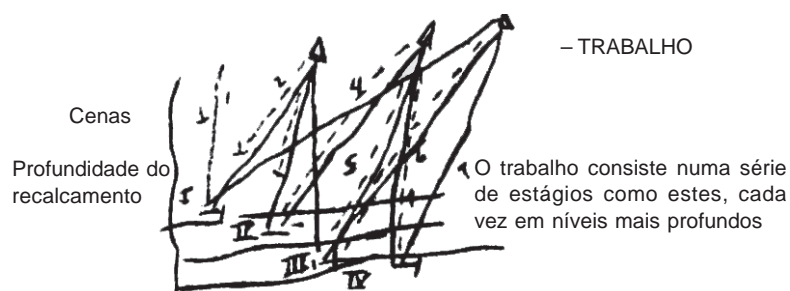
Pedro é um homem de refinada cultura e tem um gosto particular dedicado às artes que escavam, a gravura e a escultura. A decisão inicial de projeto se pauta por produzir um abrigo na arte, em escala arquitetônica uma escultura inscrita na paisagem do lugar vazio. Algo imemorial, suspenso e ao mesmo tempo impregnando na história do lugar, algo que não pudesse ser facilmente demolido mesmo que a casa fosse vendida. Assim, o muro ganha no nosso imaginário o sentido de um fragmento de castelo, ou de uma ficção de ruína de castelo. Seria o traço originário. A amostra do castelo de um nobre que não poderia ser, e de uma família real que ainda não teve. Recebeu o nome do pai, mas jamais o conheceu. O projeto se desenvolve a partir da presença do muro como presença da ausência real da figura paterna.

Conforme as conversas avançam, várias modificações vão se realizando no projeto, o muro continua, a casa passa a ter que abrigar a mãe de Pedro. Foram verificadas várias possibilidades de implantação nos platôs existentes, facilitando o acesso a ela por estar doente e ser idosa, mas parecia que esse acesso ia se restringindo, não havia lugar para ela. Era uma casa que abrigava e ao mesmo tempo deslocava a mãe. Algum dia ele construiria um segundo piso exclusivamente para ela, portanto ele poderia acomodá-la provisoriamente numa sala de passagem. Também a localização num condomínio um pouco afastado da cidade parecia dificultar o alojamento dela, sozinha nessa casa. Era uma casa para Pedro, construída num local isolado, e que seria ocupada naquele momento pela mãe e freqüentada nos fins de semana por ele. O projeto caminha no sentido de se criar uma situação para que se veja o lugar. Durante todo o processo, o muro foi permanecendo. E tornou-se um elemento fundamental para a escavação psicanalítica no tempo da escrita.

O muro – *chóra*. O platô intermediário para implantação inicial conserva a edificação e a paisagem. Estes elementos parecem estar presentes no croqui de Freud para o esquema de corte em *Arquitetura da Histeria*. Mas se na psicanálise a escavação avança no tempo de análise, na arquitetura há uma inversão, sendo que as fundações, o mais profundo, está mais nos primeiros estágios narcísicos e das fantasias infantis. E, conforme a edificação vai se erigindo, se desconstrói as habitações consolidadas no *pathos*. Penso num caminho do real do corpo da obra, ao imaginário do projeto e ao campo simbólico da nomeação do lugar a partir do vazio.

Provavelmente, é assim: algumas das cenas são diretamente acessíveis, mas outras o são apenas por intermédio das fantasias erigidas em frente a elas. As cenas são dispostas em ordem crescente de resistência: as que foram recalçadas com menos energia vêm à luz primeiro, porém só incompletamente, devido a sua associação com as que foram duramente recalçadas. O caminho seguido pelo trabalho [analítico] desce primeiro em círculos até as cenas ou suas

cercanias; depois, desce de um sintoma até uma profundidade um pouco maior, e depois, novamente a partir de um sintoma, desce ainda mais. Como a maioria das cenas converge para uns poucos sintomas, nosso caminho traça círculos repetidos através dos pensamentos que estão por trás dos mesmos sintomas. [Ver Fig. 11.] Freud, Rascunho M. Notas II *A arquitetura da histeria*.



Neste croqui associo ao muro esta linha vertical dividindo as cenas e a área de trabalho (equivalente às sessões analíticas). O arrimo sustenta o trabalho de corte para aprofundamento das cenas do recalçado enquanto estas mesmas podem desenvolver-se no espaço clínico ao longo do tempo de análise.

O projeto ia e vinha como desenhos de jogo de rabiscos. O único traçado regulador estava na forma do muro. O muro corta e sustenta, para que os sujeitos, arquitetos e clientes possam ir habitando os vários platôs psíquicos. Cannabrava ao relacionar as bases arquitetônicas da filosofia, retoma a concepção de arquitetura orgânica de Frank Lloyd Wright, na qual os planos paralelos à terra a qual se levanta o edifício, devem identificar-se com o próprio solo, como se fosse um prolongamento natural. E continua:

O mesmo acontece com a construção filosófica, cujos fundamentos repousam sobre a lógica formal, a epistemologia e a análise de estruturas lingüísticas. Essas disciplinas estabelecem a proporção do edifício especulativo que não se confunde com a caverna do mito platônico, mas apresenta todas as características do abrigo contra as intempéries.

Fico a pensar se estas intempéries, ou catástrofes são as impossibilidades de representação de certas cenas, portanto a arquitetura responderia como tentativa de proteção física diante de um desamparo psíquico inerente a constituição humana. Então *chóra*, lugar vazio, receberia as marcas das estratificações abertas à temporalidade de características geológicas, movimento lento de escavações ancestrais da espécie.

Por muito tempo questioneei se caberia ao arquiteto projetar obras personalizadas. Mas cada obra arquitetônica exige um processo projetual singular que depende do sujeito, num caminho que vai da subjetividade à objetividade. Tenho percebido que o encontro com a cultura se faz gradativamente, e que é durante a etapa de projeção que o arquiteto pode conduzir o sujeito num caminho em que sua percepção abarque ao final a inclusão da realidade objetiva, pois em última instância a sua obra será uma obra na cidade e isto implica uma certa elaboração de que a obra começa indissociável do sujeito, como objeto subjetivo e vai transformar-se em objeto arquitetônico puro, um objeto parcial que ele usa, mas não é ele. Em análise este grau de realidade vai sendo conquistado pelo analisando na dimensão da responsabilidade e da consequência que os abrigos nos desejos podem trazer ao seu convívio na sociedade e à capacidade de sustentar esses desejos.

A obra começa com poucos recursos. Pedro faz a escolha da mão-de-obra, um jovem empreiteiro com pouca experiência, mas dedicado. O primeiro elemento construído foi o muro. Depois, marcaram-se as paredes. Como Pedro insistia em realizar a obra a partir da implantação do platô mais inferior, os gastos seriam maiores, correspondendo também a uma área de trabalho neste nível. A casa futura, sem projeto, ocuparia o platô mais acima. Assim, esta etapa realizada consistia num espaço multifuncional, fluído e amplo. Começa a realizar pequenas alterações: introduz uma escada que dá acesso ao platô superior, amplia a pequena copa transformando-a em cozinha, cria um quarto fechado. Começa lentamente a transformar a casa em casa.

Quando a obra atinge o momento de cobrir e começar os revestimentos, o empreiteiro estaciona. Ao visitar a casa do pedreiro, percebo que a família habita uma residência interminável. Eles contam estar há tempo tentando construir a cobertura, mas sempre surge algum problema. As escadas aparecem como elemento articulador do movimento de ascensão, e dentro de uma tradição metafísica da arquitetura, guardam a simbologia da transcendência para níveis mais ideais da compreensão humana. O pedreiro tinha dificuldade em desenhar os degraus da escada no espaço pela falta de formação em geometria. Arquitetura não é só a construção de paredes, existe toda a espacialidade tridimensional a ser conquistada. A escada é concluída. Havia um sentimento angustiante perpassando a obra: Pedro exigindo uma qualidade de trabalho que o empreiteiro não seria capaz de realizar e fazendo o controle orçamentário da obra; ao mesmo tempo a mãe vivendo perto da obra, com o filho longe, começa a solicitar do empreiteiro ajuda nas tarefas cotidianas domésticas, atividades realizadas anteriormente pelo filho. A obra pára. Indico um outro construtor mais velho, um mestre-de-obras com nome de santo e que sabe cobrar. A obra segue.

O muro encerra os vestígios da ausência paterna e Pedro pode conhecer a função paterna num homem real. Pedro parece conquistar um arrimo. Apesar desta ausência, o ambiente dos outros familiares próximos foi suficiente para garantir-lhe o interesse metucioso no campo da arte. Na sua fala, ele diz que as crises de depressão começam a surgir em sua mãe depois de ter sido abandonada pelo marido e fico pensando que talvez a falta de um ambiente de sustentação do pai e o excesso de investimento amoroso da mãe deslocado ao menino teria afetado os primeiros momentos da vida de Pedro.

Mais tarde, com esta etapa de obra concluída, percebo que Pedro não aterrava atrás do muro. Dizia que tinha receio de infiltrações. Lacan traz a imagem do dique que tem que conter o excessivo amor pacífico materno. Depois revela um medo de que o muro não sustentasse a terra e também de que a terra empurrasse o muro por cima de sua casa. Um bebê pode servir de arrimo para uma mãe depressiva?

*

* *

Gostaria de relatar um sonho pessoal que tempos depois me trouxeram luz para compreender a posição que ocupei durante este projeto.

A arquiteta sonha:

Chego conduzida por um guia num vale deserto e observo ao fundo uma montanha fechando o vale. O guia me diz que, na verdade, a montanha era uma ruína, muito arcaica, dos muros de arrimo de uma antiga casa, transformado-se em geografia compondo-se em paisagem. Ele vai resgatando a história daquele lugar. Era um vale que tinha sido fértil e florido. Neste momento começo a visualizar, no sonho, esta imagem primordial. Havia vivido naquela grande casa uma mulher que curava, e vinham muitas pessoas à sua procura ocupando os jardins do vale e os gramados ao redor de piscinas e açudes cheios por um fio d'água que descia de uma nascente em frente a casa.

A análise desse sonho me fez perceber que no *setting*, o analista ocupa a posição de um arrimo. Analista-arrimo. A configuração morfológica do arrimo: uma parede que sustenta a terra, por um lado, e permite o aproveitamento de um espaço, por outro. Sustenta o mundo por fora e permite a edificação de um lugar interno por dentro. Também me fez associar a um colo-arrimo. Duas posições podem ser significantes na constituição deste ambiente: na interação mãe-bebê como mãe-arrimo que proporciona o *holding* e no caso de uma falha ambiental, um bebê-arrimo para a mãe não desmoronar.

O muro de arrimo na obra ganha uma significação distinta, mais primordial daquela que se verifica na primeira etapa de projeto. Primeiramente, significado como fragmento de castelo tinha uma função totêmica e tem um registro como totalidade e presença. Como amostra de um castelo, um castelo em devir, a casa

de Pedro diz da edificação de si próprio em morada, e ser “senhor do castelo”. No artigo “Transtorno psicossomático” (1966), Winnicott escreve:

No processo de integração, o bebê (no desenvolvimento sadio) ganha um ponto de apoio na posição EU SOU ou “rei do castelo” do desenvolvimento mocional, e então, não apenas a fruição do funcionamento do corpo reforça o desenvolvimento do ego, mas este último também reforça o funcionamento do corpo (influência do tônus, a coordenação, a adaptação às mudanças de temperatura etc.). O fracasso desenvolvimental nestes aspectos resulta na incerteza da “morada”, ou conduz à despersonalização, à medida que a morada tornou-se um aspecto que pode ser perdido. O termo “morada” é utilizado aqui para descrever a residência da psique no soma pessoal ou vice-versa. (p. 89)

Depois de nascido, o bebê ganha envolturas diversas que o recobrem a partir do exterior, do ponto de vista da mãe, envolturas materiais, térmicas, olfativas, visuais. Mas trata-se de um ambiente caracterizado pelo fusional, no qual o bebê ainda não consegue distinguir como algo separado de sua própria pele. À medida que um eu-pele se consolida, é possível a separação de “uma pele para dois” (Alizade, 1992). No início há uma mesma pele que envolve mãe e bebê. É este sentido de necessidade de interface que desejo explorar como abrigo primordial presente na arquitetura.

*

* *

Encontro recentemente na obra de Alcira Alizade o conceito de *núcleo de pedra*. Trazendo os versos de Pablo Neruda, “quero voltar a aquela certeza ao descanso central, a matriz da pedra materna”, formula a partir da revisão da noção de representações auxiliares em Freud as quais não deveriam tomar o lugar de um edifício de absoluta solidez, e introduz a idéia de um centro de gravidade do aparelho psíquico, a noção de um lugar psíquico de pura pedra, descarnado, imperturbável que procura o descanso central da pedra.

Para Alizade o núcleo de pedra se constitui quando se consolida um sentimento de si, de ser o que se é, e não tem sentido evolutivo. É um lugar psíquico difícil de se representar, mas fenomenologicamente apreendido, e se esboça no imaginário por alusões semânticas à estrutura, esqueleto, suporte, pertencimento e integridade, sendo descritos por anotações de material clínico.

Haveria uma relação entre estes elementos estruturantes do psiquismo e as envolturas psíquicas. Penso no muro de arrimo como a imagem desta dupla função: contenção e estruturação. Desenhei o projeto de um muro de arrimo de concreto ciclópico. Mas o espaço arquitetônico captura o engendramento de um sujeito que também se edifica neste lugar de pedra. À psicanálise caberia aqui introduzir uma referência à transferência, na prática analítica a *des*-construção do muro de arrimo pelo amor justo, *a*-mor-de-arrimo.

Este conceito de lugar de pedra me faz pensar numa conjugação dos suportes ambientais suficientemente bons (*holding, handling*, apresentação de objetos, continuidade de cuidados maternos) propostos por Winnicott e na noção de espaço de um eu-pele proposta por Anzieu.

Na relação inicial mãe-bebê, existe, segundo Winnicott, a elaboração imaginativa do corpo que depende da não desilusão precoce do bebê. A alucinação, se o corpo da mãe é também o corpo dele, não poderá ser desfeita, e daí, provavelmente, a sensação de algo externo tocar o seu corpo. Ao mesmo tempo, o duplo de sentir-se tocado poderá dar origem a uma erótica do corpo que se expande para o espaço. Anzieu aponta já em Freud, no final de sua obra, a existência desta bipolaridade tátil a partir da qual será possível propor o conceito de superfície como interface. As três funções básicas eu-pele para o psiquismo estariam como envelope continente, limite, e comunicação. O bebê emerge num envelope de desejos dos pais como corpo imaginário. Depois é concebido “num corpo para dois”, passa para “uma pele para dois” até poder abrigar-se na própria pele desgarrando-se do psiquismo materno, alcançando autonomia e individuação.

Para Winnicott, o ambiente, como objeto-subjetivo, favorece ao homem uma situação de identificação de si mesmo. Para Alizade é o núcleo de pedra que contribui para gerar uma atmosfera de que o sujeito é único. Assim, em termos arquitetônicos, a construção de um muro de arrimo associa-se à criação de um campo artístico, como experiência cultural transicional, no qual localiza-se a materialidade inerente à tectônica arquitetural e a subjetividade jacente ao brotamento de um sujeito.

Depois da construção do muro, Pedro decide ir viver com a namorada, numa casa geminada à dos pais dela. Às vezes mencionava querer mudar-se para a sua casa, algo no futuro. A construção continua, e durante algumas visitas Pedro incluía no itinerário passar numa padaria ou na farmácia. Comecei a observar a natureza dessas necessidades. Cuidados com o corpo e com a nutrição faziam parte desta obra.

Isto me fez pensar que a percepção de espaço pudesse relacionar um intercâmbio afetivo-nutricional. Anzieu destaca a experiência de satisfação nutricional de um lactante como uma experiência difusa de uma massa central. Ao mesmo tempo, enquanto é amamentado, é envolvido pelo corpo de um adulto, possibilitando o máximo de contato com todo o seu corpo. O abrigo na própria pele (Alizade, 1992, p. 33):

Entre as numerosas funções do eu-pele, quero citar a de *holding* do psiquismo, sustentação continente do mundo interno, a de sustentação da excitação sexual, a de localizador das zonas erógenas e do reconhecimento da diferença dos sexos.

Finalmente, o muro de arrimo converte-se em muro de pedra, em núcleo de pedra. Após alguns anos, Pedro me informa que a mãe foi hospedar-se na casa de outros familiares, onde receberia melhor cuidado.

A duplicidade de *setting* na psicopatologia fundamental, pelo registro paterno e materno, mas também pela complexidade de um interno-externo marcam a origem dos abrigos primordiais como instalação da psique, encontrando *um lugar em que se pode ser o que se é*. Abrindo uma nova perspectiva, Alizade aponta a relação entre o conceito de núcleo de pedra e as possibilidades catastróficas de modificações subjetivas num sujeito:

O elemento protetor do núcleo de pedra pode entender-se à luz do conceito de catástrofe de Thom (1980). Esse autor desenvolveu a teoria das catástrofes desde as matemáticas. “Catástrofe” designa a mudança de um sistema a outro. Esta mudança pode levar-se a cabo mediante a destruição do sistema anterior (aqui “catástrofe” coincide com a acepção conhecida; por exemplo, uma caldeira que explode) ou então, nisto reside o revolucionário aporte desta teoria, “catástrofe” implica uma mutação, um salto, e o sistema escapa à destruição.

O núcleo de pedra acompanharia cada ponto do deslocamento da curva aberta promovendo um salto a outro sistema. Protegeria desta maneira ao sistema de explosões destrutivas, de desgarros violentos. O núcleo de pedra ajudaria toda sorte de crises da vida em forma de catástrofes não desastrosas, meras catástrofes simples inerentes à condição de ser vivente, experiências caóticas que reorganizam o mundo interno em outro nível, graças ao salto mutativo de um sistema a outro à medida que as crises se apresentam. O sistema passível de mudar em vez de ser fechado está alternativamente fechado e em curva, vale dizer, aberto. (Alizade, 1991, p. 43-3)

Depois de vários anos, Pedro me procura para realizar o pagamento daquelas visitas à obra e me conta estar casado. Sua mulher comprou o terreno ao lado da casa, onde estão cultivando um jardim de espécies nativas. Ao despedir ele me diz: “Quando eu vou pra lá, eu não entro na casa, eu visto”.

Na justa passagem do beco nomeado sujeito, cria-se a capilaridade entre o lado de lá e o lado de cá, *psicopatologia*, palavra fundamental a vestir o vazio do lugar na metáfora das pedras do muro, por onde é possível transpirar, de vez em quando, as nossas singulares arquiteturas humanas.

Referências

- ALIZADE, Alcira Mariam. *La sensualidad femenina*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
ANZIEU, Didier. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

- ARGAN, G. C. *El concepto del espacio arquitectónico desde el barroco a nuestros dias*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1972.
- BERLINCK, M. Tosta. *Dor*. São Paulo: Escuta, 1999.
- _____. *Histeria*. São Paulo: Escuta, 1999.
- _____. Catástrofe e representação. Notas para uma teoria geral da Psicopatologia Fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo: Escuta, v. II, n. 1, p. 9-34, 1999.
- _____. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- CANNABRAVA, Euryalo. Filosofia e arquitetura. In: *Estética da crítica*. Serviço de Documentação: MEC, s/d., p. 141.
- CERVINI, Esther A. *Arquitetura fraca: estruturalidade e não-estruturalidade na arquitetura contemporânea*. 1996. 246p. Dissertação (mestrado em Artes visuais). Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
- DERRIDA, Jacques. *Chôra*. Paris: Galillé, 1993. (*Khôra*. Campinas: Papirus, 1995).
- DIDI-HUBERMAN. *O que vemos, o que nos olha*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998.
- FÉDIDA, Pierre. *Clínica psicanalítica*. Estudos. São Paulo: Escuta, 1988.
- _____. *Nome, figura e memória*. A linguagem na situação psicanalítica. São Paulo: Escuta, 1991.
- _____. *O sítio do estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Edição Eletrônica)*. Rio de Janeiro: Imago, 1999. v. 2.
- _____. *The Standart Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (superv. J. Strachey). Londres: The Hogart Press, 1976.
- _____. *Neuroses de transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto)*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- SEBBAG, Georges. La cabane à ciel ouvert. *L'architecture d'aujourd'hui*, Paris, n. 328, jun./2000.
- SILVA, Elvan. *Matéria, idéia e forma*. Uma definição de arquitetura. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994.
- SINGER, Flora. A teoria e seu objeto. In: QUEIROZ, Edilene Freire & SILVA, Antônio R. Rodrigues (orgs.). *Pesquisa em psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2002.
- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

____ (1966) Transtorno [*disorder*] psicossomático. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, 1994. p. 89.

Resumos

Lo que mueve escribir este texto es la expectativa de encontrar en el territorio de la Psicopatología Fundamental, el surgimiento de un sujeto. En las metáforas fragmentos de objetos encontrarán sus lugares en la arquitectura de esta casa. Toda casa contiene en sí el mito de la cabaña primitiva como origen de la arquitectura. Contiene también la arquitectura capaz de abrigar los lugares psíquicos de la palabra casa. El sujeto florece en el intervalo entre dibujos, en la arquitectura de esta obra de piedras y de letras. El texto presenta una reflexión respecto a una singular arquitectura: un lugar abierto a la escucha del sujeto que hable con su pathos a través del espacio.

Palabras claves: Abrigo, setting, arquitectura, psicoanálisis, ambiente

76

Ce qui motive l'écriture de ce texte est l'expectative de rencontrer, dans le territoire de la Psychopathologie Fondamentale, la naissance d'un sujet. Dans les métaphores, des fragments d'objets trouvèrent leurs places dans l'architecture de cette maison. Chaque maison contient en elle le mythe de la cabane primitive comme origine de l'architecture. Mais elle contient aussi l'architecture capable d'abriter les lieux psychiques du mot maison. Le sujet émerge dans l'intervalle entre des dessins, dans l'architecture de cette œuvre de pierre et de lettres. Le travail présente une réflexion au sujet d'une architecture singulière : un lieu ouvert à l'écoute du sujet qui parle de son pathos au travers de l'espace.

Mots clés: Abri, setting, architecture, psychoanalyse, ambiente

This text was written in the hope of finding, in the territory of fundamental psychopathology, the emergence of a subject. In metaphors, bits of objects found their places in the architecture of this house. All houses contain the myth of the primitive hut as the origin of architecture. But they also contain architecture that can embrace places in the mind for the word house. The subject comes to life in the space among the drawings, in the architecture of this edifice of stones and letters. The article consists of a reflection regarding a singular architecture: a place where the subject can be heard as it speaks of its pathos.

Key words: Containing, setting, architecture, psychoanalysis, environment

Versão inicial recebida em janeiro de 2004

Aprovado para publicação em junho de 2004